

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



HOMENAGEM A
IRENE RAMALHO SANTOS

THE EDGE OF ONE OF MANY CIRCLES

ISABEL CALDEIRA
GRAÇA CAPINHA
JACINTA MATOS
ORGANIZAÇÃO

A LUZ DA MESTRA

Anna M. Klobucka

Começando a defrontar o desafio de escrever este texto, muito pequeno, mas tão difícil – e difícil justamente por ter que ser pequeno, concentrado, seletivo, por não poder reproduzir nos limites da sua focalização o lento decorrer das décadas que desejava perscrutar –, lembro-me perfeitamente do primeiro texto da autoria de Maria Irene Ramalho que li e sei muito bem quando e em que contexto o li. Era “O Sexo dos Poetas: A propósito de uma nova voz na poesia portuguesa”, publicado no número de Inverno de 1989/90 da revista *Via Latina*, uma reflexão híbrida, entre ensaio acadêmico e recensão (da estreia poética de Ana Luísa Amaral), em que se colocavam questões praticamente ausentes então do *mainstream* crítico-literário português. Essas questões interessavam-me vivamente, uma vez que estava a iniciar a pesquisa para a minha tese de doutoramento, que viria a concluir em 1993, sobre a construção do sujeito feminino na poesia portuguesa moderna (*O Formato Mulher: As poéticas do feminino na obra de Florbela Espanca, Sophia de Mello Breyner Andresen, Maria Teresa Horta e Luiza Neto Jorge*), e tinha já percebido que as ferramentas epistemológicas e metodológicas para o meu trabalho teriam de ser, pela maior parte, inventadas de raiz ou adaptadas de modelos colhidos “lá fora”, em particular no repertório já tão amplo quanto diverso

da crítica e teoria literária feminista anglo-americana que, até pela sua própria robustez e multiplicidade das direções em coexistência dialógica, dificilmente se ajustava ao panorama literário, cultural e acadêmico português (para nem mencionar os pressupostos histórico-literários que orientavam o campo anglo-americano – como a existência multiseular do protagonismo literário feminino, certamente marginalizado pela perspectiva canônica dominante, mas ainda assim reconhecível e recuperável –, igualmente se afastando das realidades históricas bem distintas que subjaziam à escrita de mulheres em Portugal).

Neste cenário, para mim na altura ainda bastante mais angustiante do que estimulante, com a leitura do ensaio de Maria Irene Ramalho – julgo que encontrado ao acaso, na sala dos periódicos da Biblioteca Nacional, onde se podia folhear livremente os números mais recentes de revistas nacionais e estrangeiras – acendeu-se para mim uma luz pequena, mas intensa, que depressa se tornou um farol, passando a guiar as minhas subsequentes leituras e reflexões. Chamo-lhe aqui “a luz da Mestra” não apenas por este ser um texto de grata homenagem, mas também, e principalmente, por uma razão referencialmente específica, que passo a explicar. A expressão surge nas últimas palavras do poema de Luiza Neto Jorge, “A lume” (publicado originalmente no volume póstumo com o mesmo título), onde realiza uma interrupção do binarismo assimétrico enunciado, e denunciado, na abertura do poema (233):

Olho-me nos olhos
do meu gémeo
(seus olhos nos meus
ausentes)
e sempre vislumbro
fixo e refulgente
um lume

Na leitura que faço, em *O Formato Mulher*, da poética de gênero (gramatical e sexual) neste poema, situando-o no contexto global da poesia de Luiza Neto Jorge e em justaposição com o soneto “La mort des amants” de Baudelaire, a conclusão de “A lume” representa uma reterritorialização da dicotomia de (re)conhecimento inicialmente evocada em “A Lume”:

Porém o esplendor
no espelho alastra
como na pupila
a luz da Mestra

O metafórico par feminino de “pupila” e “Mestra” surge aqui – isto é, na minha leitura alegorizante deste processo – como uma interrupção calmamente explosiva do circuito restrito de comunicação e conhecimento (binário, heteronormativo, totalizante), colocando a possibilidade de uma outra epistemologia relacional (motivo, aliás, recorrente na poesia de Luiza Neto Jorge, com a sua insistência antinormativa – “Não aceito as classes zoológicas” – e incitação às “revoluções de matéria”). E é também como uma interrupção epistêmica – tão serenamente ponderada quanto radical – que posiciono a intervenção intelectual de Maria Irene Ramalho, tanto na área dos estudos literários e feministas em Portugal como no meu próprio percurso de aprendizagem e construção de conhecimentos, no qual a leitura dos seus textos tantas vezes teve um papel decisivamente importante. E não posso deixar de referir, também, que esta relação de comunicação por via de textos académicos chegou a ser enriquecida, apenas um pouco mais tarde, pela relação travada pessoalmente, quando a Maria Irene visitou a Universidade de Harvard em 1991, a convite de Helen Vendler, crítica e estudiosa celebrada da poesia norte-americana, com uma conferência sobre “Anglo-American Poetics: From Whitman to Pessoa” (a que se seguiu

uma recepção e o meu emocionado prazer em vir a ser apresentada à conferencista, que se revelou amabilíssima e generosamente interessada no meu trabalho). Aí acendeu-se um outro farol, iluminando outros caminhos (pessoanos e não só) que também continuo ainda a percorrer – sempre atenta aos ensinamentos de Maria Irene Ramalho e sempre grata pela luz da Mestra.

Obras citadas

Koblucka, Anna, *O Formato Mulber: A emergência da autoria feminina na poesia portuguesa*. Coimbra: Angelus Novus, 2009.

Jorge, Luiza Neto, *Poesia. 1960-1989*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1993.

Santos, Maria Irene Ramalho de Sousa, “O Sexo dos Poetas: A propósito de uma nova voz na poesia portuguesa”. *Via Latina*. Coimbra: SHJ/AAC, Inverno de 1989/90. 122-24.